

Puxada pelo preço dos alimentos, inflação volta a acelerar em junho

Inflação acelera em junho no país e na Grande Porto Alegre

Morango, leite e derivados e mamão puxam alta entre os alimentos. Plano de saúde e passagem aérea também pressionam

RAFAEL VIGNA*

rafael.vigna@zerohora.com.br

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu em junho em relação a maio tanto no país quanto na Grande Porto Alegre. Passou de 0,47% para 0,67% na média nacional e de 0,47% para 0,70% na Região Metropolitana, informou na sexta-feira o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com o resultado, o IPCA no país registra taxa de 5,49% no ano. Em 12 meses, a inflação soma 11,89%, acima dos 11,73% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. O acumulado de 12 meses está no patamar de dois dígitos há 10 meses consecutivos. A última vez que a inflação ficou tanto tempo em dois dígitos foi entre novembro de 2002 e novembro de 2003.

Na Grande Porto Alegre, o avanço somado no ano é um pouco menor do que na média nacional – alcança 3,85%. E nos últimos 12 meses, soma 10,68%.

Todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram variação positiva no mês passado. A maior alta ocorreu em vestuário, alimentos e bebidas e saúde e cuidados pessoais. O morango foi o item que apresentou maior crescimento percentual no indicador, com avanço de 13,30%. Também entre os maiores aumentos estão o leite longa vida e seus derivados, o mamão, as passagens aéreas e os planos de saúde.

Economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo, considera o leite o grande vilão em junho. Ela explica que esse item aumentou 12,58% na Grande Porto Alegre e, agora, acumula alta de 45,51%, em 12 meses. Acrescenta que o produto atingiu peso na inflação total da região de 0,14 ponto percentual.

A economista destaca ainda planos de saúde, com alta de 2,85% no mês passado, e passagens aéreas que, em 12 meses, subiram 103,6%.

– Um único item (o leite) que, no geral, tem contribuição pequena no IPCA, mas é relevante no orçamento, teve impacto gigantesco. Vemos uma inflação elevada em aspectos importantes da vida das pessoas – afirma Patrícia.

Já o plano de saúde, com avanço

de 2,99% no país, foi o item com o maior impacto individual no indicador em junho – 0,10 ponto percentual. O resultado é consequência do reajuste de até 15,50% para os planos individuais autorizados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em 26 de maio, com vigência a partir de maio de 2022 e cujo ciclo se encerra em abril de 2023. Nesse sentido, foram apropriadas no IPCA de junho as frações mensais referentes aos meses de maio e junho.

Nas baixas, os destaques ficam por conta da cenoura, da laranja-baía e da alface. No caso da cenoura, foi o segundo mês seguido no qual o alimento apresenta a maior redução de preço em relação ao mês anterior.

Serviços

A inflação de serviços – usada como termômetro de pressões de demanda sobre os preços – passou de alta de 0,85%, em maio, para elevação de 0,90%, em junho. Os preços de itens monitorados pelo governo saíram de recuo de 0,51%, em maio, para elevação de 0,48%, em junho. Segundo o gerente do Sistema de Índices de Preços do IBGE, Pedro Kislanov, a alimentação fora de casa foi um importante fator de pressão sobre o IPCA de junho, uma vez que elevou os gastos das famílias com alimentação e bebidas em geral.

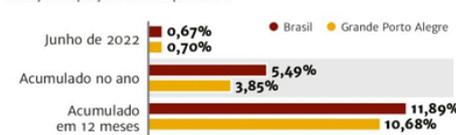
O avanço nos preços da alimentação consumida fora do domicílio reflete o aumento nos custos dos próprios alimentos mas também de energia e combustíveis, por exemplo, além da retomada de uma demanda que andava reprimida por causa da pandemia, apontou Kislanov.

– Isso (retomada da demanda) está afetando não só a parte de alimentação fora de casa, mas outros serviços da economia, como a parte de manicure, cabeleireiro e barbeiro – frisou o gerente do IBGE.

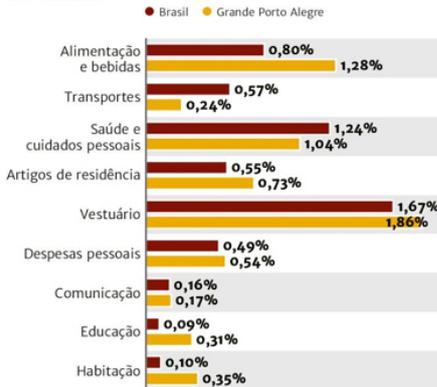
*Com agências de notícias

A variação

Avanço dos preços medidos pelo IPCA

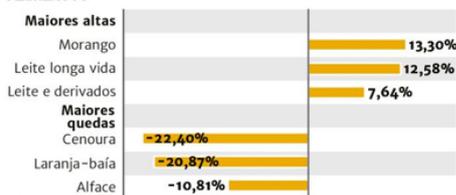


POR GRUPOS

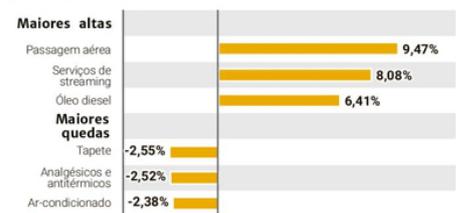


PRINCIPAIS DESTAQUES ENTRE ITENS NA ALTA DE PREÇOS NA GRANDE PORTO ALEGRE

ALIMENTOS



NÃO ALIMENTÍCIOS



Obs.: Os gráficos não guardam proporção entre si
Fonte: IBGE

Expectativa de recuo pontual

Para o mês de julho, as projeções de inflação são mais otimistas. Economista e professor da Escola de Negócios da PUCRS, Ely José Mattos destaca que o corte no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) – limitado, desde o primeiro dia do mês a 17% nos itens essenciais nas unidades da federação – será absorvido na próxima medição. Segundo ele, em junho, por outras movimentações que envolvem os combustíveis, já ocorreu o que pode ser considerada pequena mostra do que ainda virá.

– É preciso destacar que não será queda perene, e sim movimento forçado pelas novas regras tributárias que incidem sobre os preços de combustíveis e energia, que têm peso maior no IPCA e no orçamento das famílias – comenta.

De acordo com Mattos, “há várias coisas acontecendo no conjunto do índice, ao mesmo tempo”. Ele cita o leite e o frango, que deverão persistir em elevação. Em contrapartida, diz, existem alimentos como a cenoura, que ao longo do ano esteve sempre entre os maiores altas e em junho retrocedeu mais de 20%.

– Claro que a gasolina tem maior reflexo, mas em produtos isolados, que não comprometem tanto, as movimentações são distintas. Resta, agora, saber em quanto a inflação fechará o ano – argumenta.

A economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo, concorda que a gasolina foi o ponto positivo do IPCA, em junho, e ajudou a segurar elevação maior no índice. Ela acrescenta que, a partir de agora, é possível pensar em deflação (queda de preços) na próxima divulgação da inflação:

– É provável que possamos registrar inclusive deflação, em julho, por conta das práticas de redução do ICMS e dos custos de energia, telecomunicações e combustíveis, com as recentes mudanças legislativas. É esperar para ver o que vai acontecer.

Custos e clima elevam preço do leite

PEDRO ZANROSSO
pedro.zanrosso@pioneiro.com

O gaúcho enfrenta um desafio para manter à mesa um companheiro diário de refeições e refeições: o leite. O preço do produto disparou nas gôndolas. Na Capital, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a alta foi de 50% de janeiro a junho. Em Caxias do Sul, subiu ainda mais: 77,83%.

Para o Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), o reajuste deveria ter ocorrido ainda no ano passado, mas esbarrou no baixo consumo, obrigando o setor a recuar. Somado a isso, fatores climáticos, como a estiagem no Rio Grande do Sul e o excesso de chuva no Centro-Oeste, criaram o cenário que assusta os consumidores na hora de colocar o produto no carrinho.

Segundo o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, o atraso no repasse acabou repre-



Na propriedade de Cátia Pasquali, na Serra, as 60 vacas em lactação produzem 1,2 mil litros por dia

sando a alta e faz com que o atual momento, de preços bastante elevados, seja único.

– São valores nunca antes praticados, é um momento inédito, mas o mercado está demandando. Se o mercado aqui não quer comprar, outros Estados estão comprando porque não têm produto – admite o executivo, ao falar do alto consumo do leite, diferentemente de outros períodos de reajuste.

Palharini avalia que seja difícil a

reversão dos preços, pois há mercado para a venda do produto.

De acordo com o Sindigêneros RS, que representa o setor supermercadista, a quebra de safra em Estados como Goiás e Minas Gerais foi de 25%. Para o presidente da entidade, Volnei Basso, o momento é difícil para os varejistas que precisam injetar dinheiro para fazer estoque.

– Todo ano tem elevação no período de entressafra. Este ano ficou

acima da média. Existe um esforço muito grande da nossa categoria, estamos fazendo o possível pra segurar os preços um pouco abaixo e não repassar tudo aquilo que é necessário – desabafa.

Ao produtor, que lida com os custos de alimentação das vacas e dos insumos para cultivar o pasto, o reajuste repassado foi de 61% de acordo com o Sindilat. Para a entidade, esse aumento de renda faz com que o setor volte a cobrir os

custos e até realizar investimentos, para aumentar a produção.

Em Vila Seca, distrito de Caxias do Sul, na propriedade de Cátia Pasquali, as 60 vacas em lactação produzem 1,2 mil litros por dia e parte é vendida para uma cooperativa. O restante é processado na agroindústria familiar para se tornar queijo e garantir a renda. A alternativa é mais rentável que os R\$ 0,03 de lucro obtidos na venda do leite in natura. Segundo Cátia, o custo por litro atualmente é de R\$ 3,07. E a venda, negociada com a indústria, não passa de R\$ 3,10 ao litro.

– O produtor do leite, produz porque ama produzir leite. Muita gente saiu da atividade, porque as coisas foram se avolumando, como a falta de chuva no verão, o custo da matéria-prima, custo dos fertilizantes e a mão de obra cada vez mais escassa – conta.

De acordo com Cátia, o aumento no valor repassado ao produtor foi de R\$ 0,30 a R\$ 0,35 por litro, conforme a negociação.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Dragão à solta **Página:** 8 e 9